



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO - Campus Senhor do Bonfim
Licenciatura em Ciências Agrárias

JOSIANE ALVES SOARES SANTOS

**A EDUCAÇÃO FORMAL E SEU DIÁLOGO COM A COMUNIDADE
TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MORRO BRANCO – ANDORINHA/BAHIA**

Senhor do Bonfim, BA.
2023

JOSIANE ALVES SOARES SANTOS

**A EDUCAÇÃO FORMAL E SEU DIÁLOGO COM A COMUNIDADE
TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MORRO BRANCO – ANDORINHA/BAHIA**

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do IF BAIANO – Campus Senhor do Bonfim, para aprovação em defesa perante banca examinadora.

Orientador(a): Prof(a) Lilian Pereira da Silva Teixeira

Senhor do Bonfim, BA.
2023

A EDUCAÇÃO FORMAL E SEU DIÁLOGO COM A COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MORRO BRANCO – ANDORINHA/BAHIA

JOSIANE ALVES SOARES SANTOS

RESUMO

Este estudo analisa a educação formal e seu diálogo com a comunidade tradicional de Fundo de Pasto de Morro Branco, situada no município de Andorinha - Bahia. Esta é uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, que buscou identificar na perspectiva dos sujeitos a possível existência ou não da contextualização na prática pedagógica que se processa na escola da comunidade em relação ao contexto cultural. Através de entrevista semiestruturada com professores, estudantes/egressos e moradores, a fim de identificar na prática do ensino a contextualização em relação às particularidades identitárias dos estudantes que pertencem a uma comunidade de Fundo de Pasto. A partir das análises dos dados coletados, concluiu-se que a educação formal ofertada na comunidade de Morro Branco tem buscado desenvolver o ensino contextualizado, no entanto, ainda é generalizada a discussão do contexto da comunidade de Fundo de Pasto e superficial o diálogo sobre suas especificidades.

Palavras-chave: Educação-formal. Educação do Campo. Educação Contextualizada. Fundo de Pasto.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias – IFBAIANO *Campus* Senhor do Bonfim.

² Professora Orientadora – Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Estadual da Bahia *Campus* I.

**FORMAL EDUCATION AND ITS DIALOGUE WITH THE TRADITIONAL
COMMUNITY OF FUNDO DE PASTO MORRO BRANCO – ANDORINHA/BAHIA**

JOSIANE ALVES SOARES SANTOS

ABSTRACT

This study analyzes formal education and its dialogue with the traditional community of Fundo de Pasto de Morro Branco, located in the municipality of Andorinha - Bahia. This is an exploratory research, with a qualitative approach, which sought to identify, from the perspective of the subjects, the possible existence or not of contextualization in the pedagogical practice that takes place in the community school in relation to the cultural context. Through a semi-structured interview with professors, students/graduates and residents, in order to identify the contextualization in relation to the identity particularities of the students in the teaching practice. From the analysis of the collected data, it was concluded that the formal education offered in the community of Morro Branco has sought to develop contextualized teaching, however, the discussion of the context of the community of Fundo de Pasto is still widespread and the dialogue about its specificities.

Keywords: Education-formal. Field Education. Contextualized Education. Fundo de Pasto.

1. INTRODUÇÃO

A educação que se processa nas escolas do campo é um tema de grande relevância acadêmica, pois novas perspectivas vêm sendo estudadas, construídas e aplicadas pelos diferentes sujeitos sociais. Considerando sua amplitude, este estudo delimita-se sobre a educação formal e seu diálogo com a comunidade tradicional de Fundo de Pasto Morro Branco.

O centro-norte baiano, região onde se concentra os territórios de Fundos de Pasto, predominantemente no bioma caatinga e caatinga-cerrado. No Mapeamento das Comunidades de Fundos e Fechos de Pasto da Bahia, (GEOGRAFAR/UFBA/SEPROMI, 2020), ao menos 600 associações foram identificadas e mapeadas em todo estado. Na cidade de Andorinha-Ba, foram mapeadas pelo menos 16 comunidades tradicionais, estando sediado neste município o Fundo de Pasto Morro Branco. Nesta comunidade encontra-se a Escola Martiliano José Ferreira, onde acontece o ensino pelas devidas normas de instituição da educação formal rural, nas modalidades de ensino fundamental e médio.

Este estudo tem como objetivo geral buscar novos elementos junto aos educandos, professores e pessoas da comunidade local, na perspectiva dos sujeitos sobre a possível existência ou não da contextualização na prática pedagógica que se processa na escola da comunidade em relação ao contexto cultural. Já os objetivos específicos, analisar de que forma a educação formal contempla as especificidades dos jovens no campo, investigar possíveis interferências da educação formal na realidade dos educandos e por fim descrever a definição de comunidade Tradicional de Fundo de Pasto para os jovens e professores da comunidade de Morro Branco.

O acesso à educação nessa região se deu inicialmente pelas escolas multisseriadas. A comunidade de Morro Branco, assim como as circunvizinhas (Monte Alegre, Sítio do Lalau, Pimentel, Roçado, Praça, Paredão do Lou, etc.), tinham em suas respectivas sedes pequenas escolas voltadas ao ensino fundamental. O fechamento destas escolas, posterior a nucleação sistematizada e localizada de novos centros, incidiu na mudança do contexto ao qual as comunidades viviam, frente a educação. Este território, formado pelas comunidades acima citadas, foi contemplado com a Escola Martiliano José Ferreira, implantada em Morro Branco, para atender o número de estudantes na modalidade de ensino básico, sem que os estudantes precisassem se deslocar para escolas na cidade.

O projeto de educação reivindicado pelos movimentos populares e pelo campo, historicamente vem sendo construído na perspectiva de uma pedagogia com valores e

princípios voltados ao seu contexto. Este trabalho tem como importância discutir elementos na área da educação do Fundo de Pasto de Morro Branco, a fim de identificar aspectos relevantes envolvidos na realidade dos estudantes. Emprega-se também novas reflexões, para evidenciar o tipo de educação que as comunidades pretendem desenvolver junto ao município.

A contextualização da educação, é uma ação de interesse social e político, discutida pelas organizações não governamentais, partindo da luta dos movimentos sociais, que visualizam a necessidade de adequações curriculares, em função das reivindicações das comunidades de Fundo de Pasto e outros povos tradicionais que não se sentem contemplados somente com o formato de educação que se processa na escolas convencionais.

O curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, no IFBAIANO *Campus* Senhor do Bonfim, minha origem de Fundo de Pasto, militante e estudante da educação do campo, são importantes elementos que contribuíram para escolha dessa pesquisa, onde identifico como relevante meio de provocação as comunidades, enquanto mecanismo de construção para emancipação social, reconhecimento e contribuição à escola de Morro Branco, através da teorização de sua educação.

Esse trabalho tem ainda como propósito, levar ao lócus provocações quanto à contemplação ou não das especificidades da comunidade dentro da escola, analisando a temática pela ótica das necessidades do campo que em sua maioria não estão inseridas nas práticas pedagógicas das escolas formais. O acesso pelas comunidades à educação, desencadeou em suas entrelinhas outras perspectivas e demandas para a concretização de um ensino do campo e para o campo. Diante da discussão aqui abordada, apresentamos como principal problemática deste estudo a seguinte questão: a educação formal ofertada na comunidade de Morro Branco, contempla as especificidades existentes nesta comunidade tradicional? Em que medida a escola promove a contextualização do ensino, com as especificidades locais?

Dentro das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, dando ênfase às comunidades tradicionais, existem fragilidades a serem problematizadas em seus contextos. Novas perspectivas da educação do campo reivindicadas pelos movimentos populares camponês, já em construção há mais de dez anos, partem da premissa de uma educação que atenda as exigências e especificidades das comunidades (CALDART, 2007).

Seguindo ainda da concepção da autora Caldart, (2007), as lutas pelas necessidades e demandas dos camponeses, da busca por representação e contemplação dentro das escolas do campo e para o campo, não se compreende no reducionismo de uma educação sem diálogo

entre campo e cidade ou vice-versa, pois é necessário que exista essa relação já que ambos têm importantes papéis sociais dentro da formação.

A fundamentação teórica deste trabalho foi norteada pelos autores que discutem a educação do campo, educação contextualizada, educação formal, Fundo de Pasto, cita-se os seguintes, Caldart (2007, 2009, 2012), Garé (2014), Marconi (2003), Menezes (2012), Silva (2009), Aquino (2016), Oliveira e Neiva (2022). A metodologia deste trabalho se faz pela abordagem qualitativa, com a entrevista semiestruturada e grupo focal.

As hipóteses norteadoras deste estudo foram: a prática educativa que ocorre na escola de Morro Branco não aborda os principais conceitos de identidade e tradição conforme as diretrizes da educação do campo, por isso não atende às especificidades locais; Os estudantes da escola de Morro Branco não conhecem o significado de Fundo de Pasto, pois a escola nem a comunidade não dialogam; A comunidade discute mais sobre a identidade de Fundo de Pasto com os estudantes, que a escola de Morro Branco; O ensino promovido não é contextualizado ao local onde a escola está inserida; A educação formal convencional inserida na escola de Morro Branco aponta um contexto de possibilidades para o desenvolvimento social e profissional na cidade, mas não aponta as perspectivas no campo; A escola de Morro Branco desenvolve ensino sobre comunidades tradicionais, mas não dialoga sobre as comunidades de Fundo de Pasto. O presente Trabalho de Conclusão de Curso definido pelo estudo da educação formal e seu diálogo com a comunidade de Fundo de Pasto de Morro Branco - Andorinha/Ba, está organizado a partir da introdução, os seguintes itens, revisão de literatura, metodologia, resultados e discussão, e conclusão.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção trataremos os principais conceitos teóricos que embasaram essa pesquisa, percorrendo sobre a caracterização e os aspectos da identidade de Fundo de Pasto, de como esta identidade é entendida e reconhecida academicamente, dialogando sobre as perspectivas da educação para o campo de modo que compreendamos como essa identidade cultural é trazida para educação seja ela formal ou não formal.

1.1 O que são comunidades tradicionais de Fundo de Pasto?

O conceito de Fundo de Pasto historicamente vem sendo definido pelos sujeitos que abrigam estes territórios. Germani, Alcântara (p. 3, 2009) discute que essa definição não parte dos moradores das comunidades, apesar de ser assumida como elemento de “identidade/identificação” em construção. O termo, que antes era usado “terra solta”, surge das vivências, a forma espacial do fenômeno e os processos históricos nas terras denominadas Fundo de Pasto, ocorridas a partir da colonização do Brasil, processo fundamentado pela Lei das Sesmarias (GERMANI, ALCÂNTARA, 2016).

As palavras de Santos (2018) ressaltam que, “não é apenas um termo forjado por agentes externos, é uma construção de significados pelos próprios agentes sociais a partir da relação com o território” (p. 11). O Fundo de Pasto é uma identidade das comunidades a partir da sua cultura de uso comum da terra, produção e organização, termo que é passado de pai para filho como definidor de suas identidades.

O reconhecimento, visibilidade e respeito a essas comunidades resistem em meio às tentativas de desterritorialização. Ainda conforme Germani, Alcântara (p. 3, 2009) a geração da valorização das comunidades em função dos incentivos fiscais, fomentos governamentais, “(investimento aplicados nos setores de ‘desenvolvimento’ de interesse extrativo)”, tornam as comunidades espaços susceptíveis aos conflitos, que se estabelecem pela apropriação privada das terras, uma porta de entrada para o desenvolvimento do capitalismo no campo.

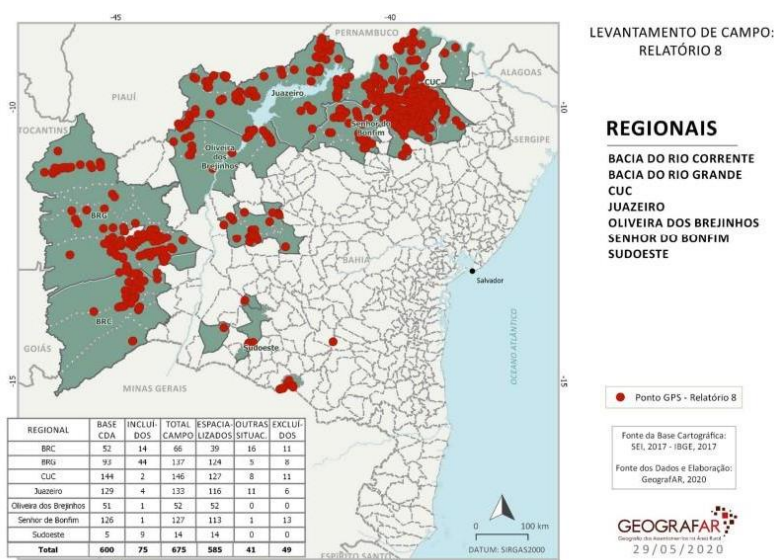
A regularização fundiária dos Fundos de Pasto é um instrumento hoje utilizado pelo governo do Estado para identificar, delimitar e regularizar a ocupação e posse em terras públicas estaduais, rurais e devolutas (SANTOS, p. 4, 2019). Isso não significa dizer que as comunidades estão asseguradas e isentas de quaisquer ameaças, uma vez que o próprio estado flexibiliza a entrada de grandes empreendimentos nestes territórios, a partir das leis que limitam a posse dessas terras. Denota-se uma contradição.

Conforme Santos (p. 8-9, 2019) descreve, os Fundos de Pasto foram reconhecidos pela constituição do estado da Bahia de 1989. O Art. 178, trata da celebração do contrato de concessão de uso das terras entre organizações representativas (associações) e o Estado. No ano de 2006 os Fundos e Fechos de Pasto perderam o direito ao título definitivo e o estado passou a conceder o Contrato de Concessão de Direito Real de Uso - CCDRU, com vigência de 90 anos, podendo ser prorrogado por períodos iguais.

Considerando a historicidade dos Fundos de Pasto, sua secularidade, de importantes funções sociais, ambientais econômicas e políticas, tem se tornado desafiadora a manutenção dos territórios pelas comunidades, uma vez que desterritorializa-los envolve a perda do uso da terra e de tudo que dela faz parte. Em função destas questões sociais, importantes movimentos

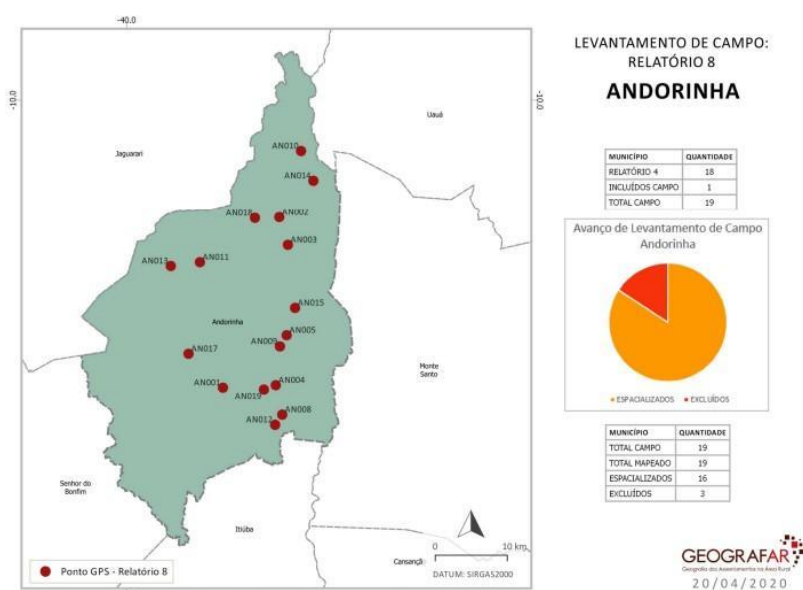
populares estão articulados e envolvidos pela defesa dos direitos e territórios das comunidades tradicionais, como a Articulação Estadual de Fundo e Fecho de Pasto, a Central das Associações de Fundo e Fecho de Pasto, Institutos e Associações, Comissão Pastoral da Terra, dentre outras organizações.

Figura 01 - Mapeamento das comunidades de Fundo de Pasto na Bahia (2020).



Por Geografar | Relatório do Mapeamento das Comunidades de Fundos e Fechos de Pasto no Estado da Bahia/SEPROMI/UFBA, 2020.

Figura 02: Mapeamento das Comunidades de Fundo de Pasto em Andorinha-BA.



Por Geografar | Relatório do Mapeamento das Comunidades de Fundos e Fechos de Pasto no Estado da Bahia/SEPROMI/UFBA, 2020.

1.2 Educação Formal do Campo

A educação formal é caracterizada pelo ensino desenvolvido através da socialização dos conteúdos previamente elaborados, obedecendo métodos e ferramentas empregadas dentro de um plano elaborado, proposto e formalizado pelo currículo escolar, projeto pedagógico e outras diretrizes, caracterizando a ação e serviço do ensino-aprendizagem. Conforme Ciavatta e Ramos (2012).

[...] o processo de construção do conhecimento exige que sejam dados a conhecer os conceitos já elaborados ou em elaboração sobre a realidade, a escola cumpre a função de socializá-los e difundi-los, tanto em benefício da própria ciência quanto pelo direito de todos os cidadãos terem acesso aos conhecimentos produzidos. O currículo escolar, formalmente, faz a seleção desses conhecimentos, visando a sua apreensão, em sua especificidade conceitual, pelos educandos (CIAVATTA, RAMOS, p. 309, 2012).

O que difere a educação formal da educação não-formal, é que o processo de ensino-aprendizagem está aberto a diferentes condições de organização no espaço que abrange. Para Garé (p. 54, 2014) “a educação não formal consegue satisfazer muitas lacunas deixadas pela educação formal, em função do seu grande potencial de alcance, graças à sua liberdade e mobilidades para gerir suas práticas pedagógicas.” A educação formal é um direito assegurado pelo Estado a todo e qualquer cidadão. A Constituição Federal de 1988, no Art. 205., estabelece que.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A educação que se processa nas escolas convencionais sediadas no campo ou na cidade, está centrada em contemplar o todo, independente da realidade. Quando nos aprofundamos noutra concepção de educação, percebemos o quanto ela é generalizada, direcionada a interesses centralizados, de modo que os estudantes são educados para realidades superficiais, não atendendo inicialmente a suas necessidades socioculturais.

Para Menezes (2012), a Educação do Campo e para o campo, compete a um modelo de educação contextualizado que abranja não somente uma realidade, mas que busque no processo formar e construir democraticamente uma pedagogia que atenda às necessidades sociais, políticas e econômicas do campo. Não se trata apenas de uma modalidade de ensino, se estabelece como movimento popular camponês que através da organização e reivindicação

buscam um projeto pedagógico embasado em novos paradigmas, se opondo à concepção da educação rural. A autora Caldart, et. al. (2012), afirma que.

A Educação do Campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivos e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e de formação humana (CALDART, et. al. 2012).

A abordagem de educação do campo visa problematizar suas metodologias pedagógicas, as questões sociais camponesas, que se reverberam na política, na luta pela terra, culturas e produção, objetivando por meio do debate a construção coletiva de uma perspectiva de campo, na qual suas especificidades identitárias e modo de vida sejam assegurados pela inclusão e direito de se conhecerem na sua formação humana e social de forma crítica e emancipatória.

1.3 Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo e as Propostas dos Movimentos Populares para uma Educação Contextualizada

Ao discutir contextualização se enfatiza sua relação ativa em constante construção e transformação com o ensino, os aspectos históricos, políticos e sociais locais, para além da base curricular. O ensino deve ser o veículo condutor responsável pela concretização do diálogo de diversos saberes que compõe a realidade em questão com os saberes globais, originando a violação e/ou rompendo o que está estabelecido, mas desencadeando a possibilidade da criação de algo novo (MENEZES, ARAÚJO, s.d.).

Pautada na luta dos movimentos populares, em 2001 foram aprovadas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, que nela resolve.

A educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caíças, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (BRASIL, 2001).

Conforme as Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior (p. 12. 2020), “a Constituição Federal da República e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação assinalam as singularidades e direitos dos povos do campo a uma educação escolar condizente com as suas especificidades”. No entanto as escolas pautadas noutra pedagogia contextualizada, como as escolas representadas pela União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas (Unefab), enfrentam dificuldades no reconhecimento, certificação e legitimação de suas particularidades pelo poder público, na execução de suas funções e aporte financeiro para manutenção das atividades escolares. Em meio as resoluções instituídas nas diretrizes, o Estado se contradiz na execução dos projetos em pauta.

Ainda conforme o parecer CNE/CEB 36/2001, resolve as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, descrito no Art. 2º, parágrafo único,

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, p. 21. 2001).

A educação contextualizada, atualmente teorizada por diversos estudiosos, movimentos populares e entidades não governamentais, fundamenta-se num instrumento de transformação social, mudanças de uma educação conservadora para uma educação libertadora. Conforme Aquino (p. 58. 2016), a proposta de educação pautada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, importante movimento que discute a convivência com o semiárido, “sustenta-se numa pedagogia da convivência, que é crítica-educativa e que se define e se firma ao lado dos setores populares e aos marginalizados da sociedade capitalista como uma pedagogia libertadora”.

3 METODOLOGIA

1.1 Metodologia da Pesquisa

Este estudo é direcionado a compreensão da educação formal e seu diálogo com a comunidade tradicional de Fundo de Pasto de Morro Branco, foi realizado através da abordagem da pesquisa qualitativa, por meio do método exploratório, desenvolvendo a

investigação do lócus, por a partir do contato com os sujeitos envolvidos no contexto estudado, bem como, através da revisão de literatura. O principal instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada, discutida por meio da análise de conteúdo.

Conforme Gil (p. 41, 2002), a pesquisa exploratória permite “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Para Gil (p. 117, 2002, a entrevista é “*parcialmente estruturada*, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”. A entrevista semiestruturada consiste na construção e aplicação de um roteiro previamente elaborado pelo entrevistador, que conduzirá a entrevista, de modo que seu roteiro possa desencadear a compreensão e exploração no processo da pesquisa.

1.2 Contextualização do Campo Empírico

A comunidade de Morro Branco tem origem secular, situada no município de Andorinha-BA a quarenta quilômetros da sede, confrontando com os municípios de Uauá-Bahia e Jaguarari-Bahia. Compõem o conjunto de comunidades que integram o território de Fundo de Pasto da mesorregião Senhor do Bonfim-BA, conglomerado de comunidades que em sua maioria são certificadas pelo estado da Bahia e certificadas com tal identidade caracterizada, em função da legitimação pela tradicionalidade e posse da terra.

As principais cadeias produtivas geradoras de renda e alimentos, a criação de Caprinos e Ovinos, extrativismo, artesanato, serviços temporários e programas sociais, como Bolsa Família e Aposentadoria Rural. O Morador da comunidade descreve que “[...] dentro desta área a gente já sobrevivia dali, do olho da palha pra garota fazer o chapéu pra vender, o boca-piu, o licuri para gente temperar o feijão ou então o arroz, uma mistura (MORADOR 01, 2023).

Atualmente sua população é de pelo menos 300 famílias, que se organizam através de grupos de jovens, associações, igrejas, grupos de mulheres, sejam estas representações coletivas jurídicas ou informais. A comunidade de Fundo de Pasto Morro Branco, tem como principal centro educacional e referência a outras comunidades que não possuem, a Escola Municipal Martiliano José Ferreira.

Segundo o morador da comunidade, a escola foi implantada entre os anos de 2011 e 2012, em função da necessidade da população do território que somam mais de 10 comunidades circunvizinhas. A escola atende atualmente aproximadamente 220 estudantes. Além dessa política, as comunidades têm acesso ao PSF- Programa Saúde da Família, acompanhamento com agente de saúde, uma creche, todos localizados em Morro Branco. Aqui se define o lócus de pesquisa, a Escola Martiliano José Ferreira.

1.3 Perfil dos sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos envolvidos no estudo estão delimitados em um grupo de oito indivíduos, sendo, três professores (profissionais pertencentes à comunidade e externos), três estudantes da educação básica e egressos e dois moradores da comunidade. A faixa etária dos indivíduos entrevistados varia entre 16 e 78 anos. A renda média dos sujeitos é de até dois salários mínimos. Essa definição implica na investigação da realidade concreta dos sujeitos, observando as diferentes perspectivas vivenciadas dentro e fora da escola, trazida pelos estudantes, professores e moradores. Os entrevistados aparecerão pelas definições de: Professora 01, Professora 02 e Professora 03, Estudante 01, Egressa 01 e Egressa 02 e Morador 01 e Morador 02.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1 Contextualização do ensino na escola de Morro Branco

O ensino contextualizado na perspectiva da educação nacional, é embasada pelas normas contidas nos documentos oficiais como a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais e na BNCC - Base Curricular Nacional, (TODERO, ROBAINA, 2021). As práticas operacionais da escola de Morro Branco evidenciados como diferencial para a contextualização do ensino são ferramentas presentes regidas pelo sistema educacional convencional. Conforme os dados colhidos observa-se que o PPP - Projeto Político Pedagógico, a organização curricular, os processos de escuta sensível que ocorrem na escola, os momentos de formação dos docentes e algumas disciplinas (CSA - Convivência com o Semiárido e Projeto de Vida) apontados pelos professores (as), partem da

escola como instrumentos e ações concretas adotadas para construção e desenvolvimento do ensino contextualizado na escola de Morro Branco, conforme ilustra-se na fala a seguir.

A gente vem desenvolvendo um currículo [...], a nível de município para respeitar o contexto de cada comunidade. Inclusive a gente tá na produção [...] dos PPPs, a Bahia inteira tá produzindo os PPPs, as escolas acompanhadas pela UNDIME, sempre vem trazendo isso pra gente tá respeitando o que é local o que é da comunidade dentro do PPP pra não tá trabalhando coisas fora do contexto né [...] Hoje nossa matriz curricular [...] são diferentes das outras escolas, mesmo dentro do município nós utilizamos disciplinas diferentes justamente para respeitar esse contexto né de cada um. (PROFESSOR 01, 2023).

O Professor 01 traz a perspectiva de contextualização que vem sendo construída pelo conjunto de escolas do município através das ferramentas que visam a inserção de práticas contextualizadas em documentos, planejamento escolar e no ensino. Essa construção parte da interação entre toda comunidade escolar em momentos de discussão, mas ainda há uma limitação na participação e contribuição para que sejam apontadas as reivindicações pela comunidade.

A gente sente muita falta dessa visão da comunidade, eu particularmente sinto, as pessoas estão mais pra ouvir, os alunos reclamam, [...] eles têm algumas demandas mas que não tem muito a ver com o conteúdo do texto. Quando a gente começou as primeiras escutas sensível, ano passado, um monte de escuta sensível por turma, aí eles já começam a reclamar da merenda, não tem maturidade para perceber o poder que eles tem nas mãos né, em relação a mudar a escola, aí a gente foi tentando direcionar as conversas para que eles não ficassem apegados a essas besteirinhas, que é importante mas que não é de fato o objetivo da escrita do PPP. Eles foram mais participativos depois que a gente foi tentando direcionar, mas eu ainda sinto tanto dos pais, acho que por conta da comunidade ser uma comunidade com nível alto de analfabetismo nós temos muitos pais com dificuldades que não terminaram os estudos, que sentem vergonha de participar, infelizmente ainda temos isso, e aí eles são mais ouvintes do que participantes (PROFESSOR 01, 2023).

Conforme descrito, a escola de Morro Branco demonstra que aos poucos está construindo o diálogo e ações para uma educação contextualizada. A adoção pela escola de uma proposta curricular e do PPP pensadas pelo coletivo mesmo não precedendo a participação crítica e efetiva da comunidade e seu entorno em que a escola está inserida, bem como a reivindicação de ações pela necessidade de uma educação contextualizada, demonstram sua evolução em passos curtos, saindo de uma educação velada pelas normas do sistema político educacional conservador impregnada no campo, enveredando noutra perspectiva educacional. Para Aquino (2016).

[...] tratar sobre a educação diz respeito à trajetória histórica das políticas educacionais, que tem revelado, ainda, uma nítida ligação com a forma conservadora e patrimonialista com a qual o Estado e a sociedade brasileira foram forjados. Assim, as políticas educacionais que foram implementadas, ao longo de 55 décadas no Brasil, principalmente quanto à educação voltada ao homem do campo, não conseguiram reduzir o analfabetismo, o êxodo escolar, o desinteresse dos educandos pela escola, principalmente porque está se colocava distante da realidade vivida pelos mesmos, com conteúdo absolutamente descontextualizados da realidade, além de reduzir o conhecimento aos aspectos meramente formais e alienadores (AQUINO, p. 54. 2016).

Partindo dessa reflexão que expressa a importância da educação, assim como as fragilidades que permeiam atualmente, especialmente pelas pessoas que não tiveram oportunidades de estudar, levando ao analfabetismo e abandono dos estudos. Essa questão se remete ao processo de negação ao acesso à educação formal por uma parcela da população.

Existem limitações na Escola de Morro Branco na contextualização do ensino no sentido de os profissionais atuantes na instituição, desenvolverem além das ações teóricas a prática para além da sala de aula, explorando os recursos que a escola e a comunidade dispõem. Essa questão é problematizada pela Professora 01 (2023), quando diz que.

[...] a gente precisa de professores com essa visão, a gente não tem [...] eles não ultrapassam o portão pra fora pra conhecer nem uma planta, é um negócio de sala de aula, [...] CSA precisa que os alunos saiam, precisa que os alunos conheçam, porque infelizmente a gente tá chegando ao ponto de nossos alunos não conhecerem nem uma planta comum da região, por que os professores também não conhecem, não ensinam. Temos todas as ferramentas, temos as disciplinas, só precisava de pessoas capacitadas. Uma disciplina de CSA hoje na escola ela tá vindo mais com o sentido de completar carga horária [...] não tem formação nenhuma em si [...] (PROFESSORA 01, 2023).

A Professora 01 traz indagações sobre as limitações para a contextualização do ensino na Escola de Morro Branco. São apontadas fragilidades no sentido de limitar tal ação ou torna- lá superficial, em função do ensino limitado a sala de aula, um desafio para a contextualização uma vez que o contato dos estudantes e professores com a realidade, permitiria uma abordagem metodológica interdisciplinar, seja em relação a disciplinas voltadas ao contexto do campo ou áreas do conhecimento com uso dos recursos e espaços que a escola e a comunidade dispõem. Nesse sentido, a perspectiva de educação conectada à realidade do estudante e a vida no campo parece incompreendida, desnecessária e despercebida por alguns professores, ou a comunidade ainda não consegue problematizar tais questões para além do estado atual, podendo ser em função da desinformação. Para Oliveira, Neiva (p. 4, 2022),

Discutir as inserções político-educacionais é a força motriz para compreender os fios tecidos no tear das ações teóricas, políticas e culturais que atravessam a educação do campo, processo que reivindica organização e luta coletiva para subverter o *apartheid* educacional submetido às escolas do campo. O desafio nuclear é politizar os sujeitos sobre a relevância da organização social para construção de uma educação equânime e de qualidade social no e do campo [...] (OLIVEIRA, NEIVA, P. 4, 2022).

Nas falas é observado que os professores e estudantes reconhecem a necessidade de uma abordagem mais profunda sobre as especificidades da comunidade, é apontada a ausência de diálogo entre a escola e a comunidade no sentido de compreender a identidade local, como também é destacada a necessidade de trazer mais vivências para a sala de aula e de integrar o conhecimento sobre o Fundo de Pasto nas atividades e conteúdos curriculares. Os estudantes expressam o desejo de um ensino mais contextualizado, que valorize a identidade local e que abordem temas relevantes para a comunidade, através da problematização dos conteúdos abordados. A EGRESSA 02, reforça na fala a seguir as contribuições da contextualização no ensino fundamental, mas a ausência no ensino médio.

No ensino médio eu acho que não contribuiu em nada relacionado ao campo, agora no ensino fundamental nós teve bastante, porque a gente teve plantação, essas coisas, teve um pouco da gente sair, pegar esterco, plantar [...] mas agora no ensino médio não teve ajuda não, a gente não teve esse contato até por conta da pandemia também. [...] ajudou bastante a gente entender que é obrigatório a gente ter em casa pelo menos uma plantação saudável porque tudo que a gente compra agora é com veneno, e a escola nos ensinou mesmo a gente plantar nossa comida [...] (EGRESSA 02, 2023).

Essas considerações indicam a necessidade de uma revisão das práticas educativas na Escola de Morro Branco, a fim de promover uma educação mais alinhada com as demandas e realidade da comunidade. A Egressa destaca a pandemia do COVID-19, como uma possível limitação para o desenvolvimento de atividades voltadas ao campo. A inclusão do conhecimento sobre a comunidade de Fundo de Pasto, a promoção de diálogos entre a escola e a comunidade e a valorização das vivências e experiências locais podem contribuir para um ensino mais significativo e para o desenvolvimento coletivo como demonstra a importância e o reconhecimento expresso pela Egressa 02.

1.2 A busca pela Educação do Campo na Escola do Campo

A escola do campo surge das organizações populares do campo em contraponto às escolas convencionais que integram um projeto de educação para os trabalhadores imposta

pela hegemonia do capitalismo, saindo da uma educação rural para uma educação com “propostas curriculares próprias” conectadas ao contexto camponês, que conforme Caldart (p. 39, 2009) “A Educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo”.

O campo abriga inúmeras escolas, nem todas desenvolvem uma “Educação do campo”, mas o processo de formulação histórica da escola do campo integra ao mesmo tempo que caminha junto a construção de um projeto de campo e sociedade oriundos dos diversos setores sociais da classe trabalhadora que agregam o movimento contra hegemônico da contemporaneidade (MOLINA, SÁ, 2012). A concepção do MORADOR 02, sobre escola do campo expressa que,

É uma escola que seja voltada às duas realidades né, a que o jovem tem ali na sua comunidade, onde ele vive, e a que ele possa ter de fora também, pra ele conhecer nem só da comunidade mas do mundo lá fora, [...]. Uma educação voltada a sua realidade já seria melhor, ele já viria como seu pai, como sua mãe como ta melhorando a prática que eles têm no dia a dia e tendo uma educação contextualizada para que assim ele possa ta ajudando a comunidade com o tempo, que ele saia mas que ele possa voltar com mais conhecimento (MORADOR 02, 2023).

A escola do campo deixa de ser uma estrutura situada na zona rural, devendo ser compreendida em sua totalidade. Para Caldart (p 40, 2009), “a Educação do campo não é uma proposta de educação. Mas enquanto crítica da educação em uma realidade historicamente determinada ela afirma e luta por uma concepção de educação (e de campo)”. A escola do campo deve ser voltada para as realidades dos jovens, abrangendo tanto a comunidade em que vivem quanto o mundo exterior. Pensada enquanto espaço de contextualização do ensino com a cultura e a identidade, onde os estudantes possam melhorar as práticas do seu dia a dia e adquiram conhecimentos que possam ajudar a comunidade.

A educação urbanizada cristalizada nas escolas do campo pouco compreende nem se propõe a necessidade e importância trazidas pelo projeto de educação do campo. Caldart (2009), discute o termo “escola do campo” em que este não se contrapõe ao debate de uma escola unitária, se contrapõe ao falso universalismo. Não se reivindica aqui um tipo de educação específica para o campo. A educação do campo discute a presença ou ausência da escola no sentido de ser acessada por todos, em todos os lugares, e em todo tempo. Assim como o campo é um espaço, os camponeses também têm o direito de ter a escola no seu lugar, devendo ser “respeitados quando nela entram e não expulsos dela pelo que são”.

1.3 A formação escolar e suas interferências na vida dos estudantes

Os moradores da comunidade percebem que a formação escolar tem impacto positivo na realidade dos estudantes, especialmente porque a escola está localizada em Morro Branco, evitando o deslocamento para a sede do município. Eles acreditam que a formação contribui para o desenvolvimento dos jovens, proporcionando conhecimento e orientação para enfrentar desafios. O Morador 02 destaca essa importância para as famílias e estudantes conforme descrito.

Vendo como antigamente as escolas eram bem distantes, hoje tá sendo muito importante porque os jovens, as crianças não precisam sair pra fora pra tá estudando, e tá sendo importante porque estão dentro de casa, já vão diretamente pra escola, pode tá fazendo outros afazeres depois da escola, que é perto de casa (MORADOR 02, 2023).

Essa indagação demonstra que a educação formal em Morro Branco vem contribuindo no desenvolvimento regional que abrange as comunidades atendidas, no acesso à escola e na possibilidade de os estudantes continuarem inseridos nas atividades no campo junto às suas famílias. A sucessão da vida no campo é também um desafio, pois os jovens têm ganhado novas perspectivas, buscando outras oportunidades que a comunidade não oferece, podendo ocorrer sua permanência ou abdicação da vida no campo. Na seguinte fala se destaca o papel da escola na vida dos sujeitos, seja durante ou após a formação escolar.

Eu percebo bastante que a maioria não tem muita perspectiva do fazer depois dali, [...] então eu vejo a escola interferindo nesse pensamento que já vem lá dos pais deles, eu escuto até os pais falando – há nunca estudei e não morri! Então a escola serve pra quebrar com isso com esse pensamento que eles escutam, que já vem desde muito antes, para que quando eles saírem dali eles possam continuar com os estudos deles sim (PROFESSORA 02, 2023).

Se expressa aqui, a importância da continuidade dos estudos após a conclusão da educação básica pelos estudantes, mesmo com os desafios da realidade que os indivíduos vivem. Tais questões possibilitam a permanência ou o êxodo do campo em função da busca por trabalho ou até mesmo pelo estudo.

Para o Morador 01 (2023), a formação escolar deve ser priorizada, “[...] era importante as pessoas não largar os estudos para trabalhar, tem deles que é de acordo as necessidades [...] nem que não vá pra faculdade [...] até pra fazer uma faxina se você não tiver o estudo, como você consegue o serviço? [...]”. Para Castro (p. 439, 2012), é muito comum ouvirmos a expressão, “Os jovens estão indo embora!”, além de que.

A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, p. 439, 2012).

A construção da moral social dos jovens no campo está cercada de significados esperados e existentes que partem da geração mais velha, onde os jovens devem dar sucessão a cultura, a vida no campo, mas pouco se discute com estes dentro do seu processo de transformação as possibilidades dentro de suas expectativas de vida, sempre lhe é atribuído o papel de não deixar a cultura morrer, mesmo com as transformações que emergem nos espaços do campo, talvez não seja necessário apontar sempre um caminho, mas construir meios para que os jovens se reconheçam e reconheçam o lugar que querem estar.

1.4 Concepções de Identidade de Fundo de Pasto

Falar sobre Fundos de Pasto está diretamente associado à tradicionalidade dos povos que compõem essa identidade. Para Santos (2018) “[...] Fundo de Pasto não deve se limitar à relação com o meio físico, como a forma de produção [...], há expressões imateriais que fazem parte da dinâmica da tradicionalidade que desempenham o mesmo peso na formação da identidade [...]”. Estes territórios historicamente são marcados por seu modo de vida cultural, possui características próprias nas formas de produção caracterizada principalmente pelo uso comum da terra, a criação de animais de pequeno porte em uma área coletiva geralmente não delimitada por cercas, e uma cultura diversa marcada pela religiosidade que se expressa nos reisados, festas de padroeiros e terreiros de candomblé. A seguir o Morador 01 traz seu significado desde o processo de luta e conquista do território do Fundo de Pasto Morro Branco.

[...] o estado veio mediu e hoje nós estamos aí, é aberto essa fazenda daqui até a cacimba do barato onde é os limites da gente, aí vai até o extremo com a fazenda Baraúna, mas é aberto em todo contorno, e a gente se sente muito feliz com isso, com a batalha correndo risco [...]. Hoje querem dizer que a gente que vive na área de Fundo de Pasto, viva só os animais tudo preso, não é todo mundo, e quem tinha aquelas boas condições cercou e o outro tá só nos corredor [...] nós aqui reserva ele, não deixar o povo acabar, nós temos o maior ciúme em cima disso, é uma coisa de grande importância que traz alguma coisa de interesse pra gente, né [...]. Tem os animais que ta aí a forragem a vontade e a gente a vontade também, o vizinho de lá da outra fazenda e a gente de cá, se encontra ali no meio os animais de todo mundo, eu acho isso muito importante (MORADOR 01, 2023).

O morador sintetiza o seu modo de vida e a importância da luta pela terra para permanecer no seu território coletivamente. Para o Morador 02, discutir sobre Fundo de Pasto entre a comunidade e escola é algo importante, mas que fica a desejar, conforme descreve,

[...] tão ficando só naquele grupinho ali só daquelas pessoas, pai e filho que já tá ali engajado e acaba que fica só nisso, e as outras pessoas de fora acabam não conhecendo, não tá tendo nenhuma contribuição das pessoas que fazem parte principalmente do Fundo de Pasto, eles não estão procurando e também não estão sendo procurados pra tá falando sobre isso, a importância como que é a comunidade e tudo (MORADOR 02, 20230).

O Morador 02 evidencia que poucas pessoas compreendem o que é o Fundo de Pasto. Apesar da Escola Martiliano José Ferreira estar numa comunidade tradicional, bem como seu público serem estudantes de outros Fundos de Pasto, a compreensão sobre a definição e significado dessa identidade é superficial principalmente pelos professores. Alguns atribuem um conceito amplo que define qualquer comunidade, como o Professor 03 (2023) ressalta, “eu acho que é o associativismo né, uma comunidade de cooperação, onde o benefício maior seja a comunidade [...]”. A Professora 01 (2023) diz que apesar de residir nesse contexto, não possui muitas informações, mas enfatiza sobre a importância de conhecer junto aos estudantes essa identidade.

[...] meu conhecimento sobre as comunidades de Fundo de Pasto ainda é muito pouco, apesar de eu entender que é muito importante que precise ser trabalhado nas escolas, a gente ainda não tem essa ideia amarrada. Eu mesma até por conta de minha formação. Mas eu vejo assim, quando se fala em Fundo de Pasto o que traz pra mim é a questão da organização da comunidade, de tá correndo atrás dos objetivos juntos, eu vejo muito essa questão da união [...] a questão da preservação do meio ambiente em si [...] eu sei que tem muita coisa além disso, mas eu não tenho propriedade para falar mesmo por conta da minha falta de conhecimento [...], é por isso que eu sinto falta de trabalhar dentro das escolas, por que como eu, nossos alunos, acho que todos tirando esse pessoal mais velho que participa de alguma associação, eles sabem [...] (PROFESSORA 01, 2023).

Em resumo a professora reconhece a ausência, mas a necessidade da contextualização do ensino com a especificidade dos Fundos de Pasto. O auto-reconhecimento da identidade de Fundo de Pasto parte dos agentes que nela estão inseridos, como forma de resistência e manutenção dos seus territórios que tem se tornado cada vez mais frágeis e ameaçados em função dos agentes e interesses externos. Castells (p. 47, 2018) descreve que o surgimento das “*comunas*” ou comunidades parte da “*Identidade de resistência*”, “Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário não seria suportável, em geral

com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia [...]”.

A partir da fala dos estudantes, notou-se que alguns se identificam apesar de terem uma compreensão superficial. A Estudante 01 afirma se reconhecer com essa identidade, mesmo não tendo uma definição concreta para o conceito, e justifica por que. “Sim! Por que eu moro aqui, participo de outras coisas que acontecem aqui, a igreja, grupo de jovem [...]” (ESTUDANTE 01, 2023).

Compreender o espaço e tal particularidade, está para além do envolvimento enquanto morador, é necessário nesse processo a educação pela comunidade, demonstrando também a importância da contextualização do ensino pelos professores. Conforme a Professora 01 afirma e sugere novas possibilidades.

Nós queremos fazer uma proposta unificada para o município em relação ao ensino de CSA [...], pra gente tá vendo alguma coisa que contemple dentro da disciplina um estudo relacionado a Fundo de Pasto para pelo menos termos o básico o significado, a importância porque eles não têm conhecimento nenhum e acho que é a nível geral. [...]. Não tem nada dentro de nosso currículo, dentro de nossas atividades, de nossos conteúdos, nada que contemple, acredita [...] (PROFESSORA 01, 2023).

Portanto, faz-se necessário a integração dessa discussão no projeto político pedagógico, assim como outras questões que assumam as características do campo, e principalmente torna-se necessário uma relação entre ambos espaços de formação e construção de sujeitos políticos, escola e comunidade, para que dessa forma contribuam efetivamente no processo educacional dos estudantes levando contribuições para as comunidades.

CONCLUSÃO

As reflexões sobre a educação formal e seu diálogo com as comunidades tradicionais de Fundo de Pasto são novas para o movimento popular que representa as discussões e reivindicações dessa organização, portanto talvez daqui surjam pequenas contribuições que desencadeiam novas pesquisas sobre a educação nos Fundos de Pasto no município de Andorinha-BA, que surgindo do campo almeja uma educação do e no campo. Durante a realização deste estudo evidenciou-se perante as análises e os resultados discutidos, que a Escola Martiliano José Ferreira da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Morro Branco,

vem construindo novas propostas de ensino com ações voltadas à contextualização. A escola apresenta em seu currículo as disciplinas de CSA e o Projeto de Vida, entretanto alguns professores não têm aproveitado dessa ferramenta, com abordagem de conteúdos e utilizando do espaço da comunidade para associar a teoria e a prática em conjunto às vivências dos estudantes no campo.

Foi observado a necessidade apontada pelos estudantes, de conteúdos e experiências práticas. Essa reivindicação demonstra nas suas entrelinhas que os estudantes veem sentido no ensino voltado ao seu contexto, percebem sua importância para a vida no campo e demonstra-se nas falas dos entrevistados a importância de desenvolver através da prática pedagógica uma educação do campo, ainda que sejam em passos curtos, mas que existam operações concretas.

Os entrevistados evidenciam as interferências da escola na vida dos estudantes em função da oportunidade da educação trazida para comunidade enquanto conquista importante, atribuindo também a educação o papel de formar os estudantes para os desafios na vida e a carreira profissional, considerando que a educação formal não objetiva apenas promover o ensino-aprendizado da leitura e escrita, é preciso que exista uma leitura de mundo, sobretudo pessoas críticas.

A análise das falas expressa que a definição dada ao conceito e identidade de Fundo de Pasto pelos entrevistados, não trazem as especificidades e são atribuídos significados generalizados e superficiais, mostrando que principalmente as pessoas que fazem parte têm dificuldade em expressar seu entendimento. Essa condição não está somente restrita à escola, uma vez que a comunidade pode contribuir nesse processo de formação identitária e política das atuais e novas gerações. As transformações e construções da escola junto à comunidade devem partir do diálogo, da formação dos pais e da inserção dos estudantes nos processos, para que sejam conhecedores do modelo e formato de educação que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D. M. GERMANI, G. I. Fundo de pasto: um conceito em movimento. Curitiba. **Anais** [...]. Paraná. ANPEGE, 2009. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_alcantaragermani_fundopasto_conceitoemmovimento.pdf. Acesso em: 21 de fev. de 2023.

AQUINO, M, R. **Educação para a convivência com o semiárido e direitos humanos: experiências educativas do instituto regional da pequena agropecuária apropriada – IRPAA, em Juazeiro - Ba.** Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia: UNEB, Salvador, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes operacionais para educação básica nas escolas do campo.** Conselho Nacional de Educação, p. 1-24, 2001. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECEBN362001.pdf. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 de jan. de 2023.

CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. FRIGOTTO A. e G. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde de Joaquim Valencio. Expressão Popular, 2012. p. 272 e 324.

_____. **Educação do campo:** notas para uma análise de percurso. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar-jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

_____. **Sobre educação do campo.** 2007. 6 p. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, Luziânia: Goiás.

CASTELLS, M. **O poder da identidade e a era da informação.** Vol. 2. Tradução, Klauss Brandini Gerhardt. 9 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CASTRO, E. G. **Juventude do campo.** CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. FRIGOTTO A. e G. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde de Joaquim Valencio. Expressão Popular, 2012, p. 439-445.

GARÉ, R. M. R. **Educação formal x educação não-formal: diferentes práticas de ensino e a construção de identidades surdas.** Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba, 2014, p. 218.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MANZINI, E. J. **Entrevistas semi-estruturadas: análise de objetivos e de roteiros.**

Universidade Estadual Paulista. Marília, 10 p, 2004. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 22 de fev. de 2022.

MARCONI, M. A. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas S. A. 2003. 310 p.

MENEZES, A. C. S. **Educação do campo no semiárido: o currículo na perspectiva da contextualização e da organização social.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

MENEZES, A. C. S. ARAÚJO, L. M. **Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes.** (Programa de Pós-graduação) - Ensino Superior e Docência no Contexto do Semiárido. Universidade Estadual da Bahia, Senhor do Bonfim, 8 p. 20???. Disponível em: <https://irpaa.org/publicacoes/artigos/artigo-lucin-ana-celia.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2023.

OLIVEIRA, S. da.S. NEIVA, L. P. A. **A educação do campo em debate: preceitos, concepções (e)m perspectivas.** Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES, 2022, Fábrica de Letras. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/asipc/article/view/17423>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

SANTOS, M. C. S. **Manual de Regularização fundiária de fundos e fechos de pasto.** 1 li. Juazeiro: Bahia. Ed. UNIVASF, 2019. Disponível em: <http://www.pgextensaorural.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/Manual-de-Regulariza%C3%A7%C3%A3o-Fund%C3%ADria-de-Fundos-e-Fechos-de-PAst.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2023.

SANTOS, J. S. **Os fundos de pasto e o processo de reconhecimento como comunidade tradicional: estudo de caso na comunidade de Morro Branco no município de Andorinha-Ba.** 27 f. Monografia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa: Bahia 2018.

SILVA, L. R. C. da. DAMACENO, A. D. et. al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2009. 13 p.

Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124_1712.pdf. Acesso em: 25 de fev. de 2022.

AGRADECIMENTOS

O estudo não acaba, não é mesmo!?

Morador 01, 2023.

A Deus e as Deusas por me permitir andar em passos curtos com sabedoria e coragem.

A minha família e a comunidade de Fundo de Pasto Monte Alegre, que se mantém de mãos dadas, agradeço o apoio, incentivos e todos os ensinamentos passados desde cedo.

A todos os professores que fizeram parte da minha educação, em especial o professor Antonio Sousa e Lilian Texeira.

Aos meus amigos sempre presentes, os incentivos e experiências transmitidas nessa trajetória andada juntos pelo mesmo objetivo.

Aos movimentos populares que através da luta ao qual faço parte, buscam construir um campo com igualdade de direito.

ANEXOS

Material das Entrevistas

PROFESSOR 1

... Só para amansar bezerros que ele era vaqueiro e aí depois ele viu que era um lugar bom pra morar e começou trazer pessoas, trouxe a esposa dele e aí foi povoando aos pouquinhos, trouxe o ajudante com sua família também e aí o nome mesmo ela disse que é por conta do serrote que o pessoal tem o hábito de subir tem umas pedras brancas e aí quando ele chegou aqui ele disse que viu as pedras brancas e chamou de Morro Branco justamente por conta desse morro. Com o passar dos tempos foram povoando a comunidade e hoje pra bem dizer não é mais nem povoado é um distrito, recentemente o prefeito decretou que agora seria um distrito, e acho que hoje já tem uma base de umas 400 famílias aqui residindo, mais ou menos entre umas 350 a 400 famílias, em relação a fundação o que eu sei é mais ou menos isso, que foi justamente o que a gente fez no documentário.

A gente vem desenvolvendo um currículo dentro do município, a nível de município para respeitar o contexto de cada comunidade, inclusive a gente que tá na produção bem massa dos PPPs, a Bahia inteira tá produzindo os PPPs, às escolas acompanhadas pela UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação e sempre vem trazendo isso da gente tá respeitando o que é local o que é da comunidade dentro dos PPP pra não tá trabalhando coisas fora do contexto né, inclusive a nossa, nós temos aí uma carga horária a mais por conta que a gente funciona com uma educação de tempo integral e o município tem diferentes disciplinas justamente pra respeitar cada comunidade dentro da sede....

...Hoje nossa matriz curricular [...] são diferentes das outras escolas mesmo dentro do município nós utilizamos disciplinas diferente justamente pra respeitar esse contexto né de cada um.

Tem sim, nós temos uma comissão que foi instituída assim que a gente iniciou o projeto, nós criamos uma comissão PPP onde tinha que ter representantes de pais, de alunos de todos os segmentos e professores e de alguém da gestão, mas a gestão [...] eram o diretor, vice diretor e o coordenador são membros natos, eles não poderiam ficar de fora, o restante seriam os professores de cada segmento um representante e de pais um representante de cada segmento, educação infantil, ensino fundamental 1 e ensino fundamental dois também e alunos nesse mesmo sentido, a gente só não colocou da educação infantil mas o todos os outros estão representados por alunos.

Cada escola produz o seu, a gente primeiro participou de umas lives formativas todos participaram inclusive os pais os alunos assistiu as lives, fizemos vários encontros no decorrer do ano passado, muitos por sinal e ano passado a gente apresentou no final do ano já o que a gente tinha produzido mas não finalizamos, nenhuma escola.

A gente sente muita falta dessa visão da comunidade, eu particularmente sinto, as pessoas estão mais pra ouvir, os alunos reclamam, mas são algumas reclamações [...] eles tem algumas demandas mas que não tem muito a ver com o conteúdo do texto, quando a gente começou as primeiras escuta sensível que a gente começou ano passado um monte de escuta sensível por turma, aí eles já começam a reclamar da merenda, não tem maturidade pra perceber o poder que eles tem nas mãos né, em relação a mudar a escola, aí a gente foi tentando direcionar as conversas pra que eles não ficassem apegados a essas besteirinhas, que é importante mas que não é de fato o objetivo da escrita do PPP, aí eles foram mais participativos depois que a gente foi tentando direcionar, mas eu ainda sinto tanto dos pais, acho que por conta da comunidade ser uma comunidade com nível alto de analfabetismo nós temos muitos pais com dificuldades que não terminaram os estudos, que sentem vergonha de participar, infelizmente ainda temos isso, e aí eles são mais ouvintes do que participantes. Eu vejo assim, eles escutam mais do que participam – gente tá bom assim?? – tá!! Ninguém tem aquela vontade de intervir de dar uma ideia nova, então assim a gente tenta levar as coisas meio preparada porque as vezes se for pra produzir juntos acaba que nem saindo nada que as pessoas não tem essa iniciativa essa tomada de decisão.

O que a gente hoje tá trabalhando mais em relação a comunidade, o incentivo a agricultura familiar, a gente tem trazido muito isso em relação a todos os projetos que a gente teve elaborado, a gente teve agora recentemente, o ano passado a gente participou da conferência do meio ambiente onde a gente viu aqui na comunidade, a gente ia fazer um levantamento das potencialidades e das dificuldades da comunidade e aí a gente elencou a questão do uso de plantas medicinais que o pessoal gosta muito de fazer aqui garrafada, lambedor... e aí a gente viu como uma potencialidade e elaboramos um projeto em cima da temática, cultivando de hortas medicinais, ano passado a gente elaborou o projeto escrito e esse ano a gente vai colocar em prática, onde vai ter uma horta na escola onde a gente já cultivava outras hortaliças, mas a gente vem com essa visão assim de preparar umas hortas medicinais e em seguida que cada aluno cultive mudinhas pra levar para casa e ter também suas hortinhas medicinais em casa, a proposta geral do projeto na verdade é essa, mas sempre trabalhando nesse sentido da questão da agricultura familiar, nós temos aí duas disciplinas que contemplam que é a CSA –

Convivência com Semiárido e agora nós temos Educação Ambiental e Qualidade de Vida que vem com essa ideia de trabalhar essa temática dentro da escola.

Não, isso é algo que a gente sente, eu sinto falta sabe, apesar de eu não ter conhecimento pleno sobre o tema completo, mas ainda falta, quando eu fui fazer meu TCC eu tive uma sugestão de fazer sobre fundo de pasto e eu não fiz justamente por conta da falta de conhecimento [...]. Mas dentro da biologia eu não conseguia vincular a questão do fundo de pasto ao que tinha sido trabalhado né. Mas eu acho que falta muito, muito mesmo, em relação a essa identidade sobre o fundo de pasto a gente não trabalha tanto, nada e os alunos não tem conhecimento nenhum, eles nem tem noção do quanto isso é profundo do quanto isso é importante, sabia! [...] Nós queremos fazer uma proposta unificada para o município em relação ao ensino de CSA [...], pra gente tá vendo alguma coisa que contemple dentro da disciplina um estudo relacionado a fundo de pasto pra pelo menos termos o básico o significado, a importância porque eles não têm conhecimento nenhum e acho que é a nível geral. [...] não tem nada dentro de nosso currículo dentro de nossas atividades de nossos conteúdos, nada que contemple, acredita [...].

Eu penso que as coisas ainda estão se misturando muito na nossa escola e nas nossas comunidades, a gente não conseguiu amarrar de fato uma proposta que a aluno saia da escola com intenção por exemplo: [...] ela estudou na escola de Antônio Gonçalves e você percebe que ela tem vontade de prosseguir com isso, então isso deixou uma marca nela, ela tá levando pra vida pessoal dela, pra vida depois da escola essa questão do que ela aprendeu lá. [...] eles têm a questão da horta, eles trabalham com isso e a gente ainda não vê na escola os alunos saindo com essa vontade de se manter aqui nas comunidades, a visão deles é sempre procurar outros locais fora, São Paulo. Ainda tem muito isso [...]. A gente tem agora [...] pra gente falar sobre isso, é um projeto que a gente têm, projeto de vida, de um programa educação e família, que a escola foi contemplada e a gente colocou pra gente trabalhar sobre isso, dessa importância do aluno estudar, ver o que tiver de ser visto dentro da escola, e por em prática na sua vida fora da escola, e a gente não vê isso, então não existe essa interferência no que o aluno vai ser quando ele parar os estudos aqui, o básico né, ele vai nortear eles pra as tomadas de decisão futura dele, ainda percebo que ainda falta muito pra gente alcançar isso, porque o aluno tá indo pra escola as vezes na obrigação, por que o pais manda [...], mas eles não tem aquele objetivo e não querem estudar isso pra permanecer aqui [...], dentro do contexto deles, é algo ainda muito que precisa muito ser trabalhado dentro das escolas e aí eu acho que o problema vem justamente aí, uma hora a educação, eu digo a nível geral, ela quer preparar o aluno pra as grandes cidades, né pra as empresas [...] outra hora eles já querem preparar os

alunos para permanecer no campo e manter algum padrão de vida bom, mas dentro de sua comunidade sem precisar sair [...]. O governo desses últimos quatro anos prejudicou muito as nossas formações, eram formações muito vazias em relação ao que a gente de fato precisa pra nossa escola, [...] esse ano a gente tá participando, o município todo participando do curso forma campo que vem muito com essa ideia de educação contextualizada mesmo pra os alunos do campo, [...]. Uma hora eles entram com uma vertente de empreendedorismo, como se os alunos fossem capacitados pra ser empreendedores, e outras coisas, mas não do que a gente tem aqui no campo, é uma controvérsia [...] ainda precisa ser uma proposta bem amarradinha pra gente educar nossos alunos pra isso, pra eles conhecerem a realidade deles, pra eles perceberem a importância disso tudo e permanecer aqui e saber viver bem na comunidade com a questão financeira também bem resolvida, por que eles saem porque acham que não tem futuro ficar na roça [...] sendo que tem né, só falta eles se apropriarem disso. [...] a gente precisa de professores com essa visão, a gente não tem [...] eles não ultrapassam o portão pra fora pra conhecer nem uma planta, é um negócio de sala de aula, [...] o CSA precisa que os alunos saiam, precisa que os alunos conheçam, porque infelizmente a gente tá chegando ao ponto de nossos alunos não conhecerem nem uma planta comum da região, por que os professores também não conhecem não ensinam [...] temos todas as ferramentas, temos as disciplinas, só precisava de pessoas capacitadas. Uma disciplina de CSA hoje na escola ela tá vindo mais com o sentido de completar carga horária [...] num tem formação nenhuma em si [...], não tem conhecimento nenhum [...].

[...] meu conhecimento sobre as comunidades de fundo de pasto ainda é muito pouco apesar de eu entender que é muito importante que precisa ser trabalhado nas escolas, a gente ainda não tem essa ideia amarrada, eu mesma até por conta de minha formação, mas eu vejo assim quando se fala em fundo de pasto o que traz pra mim é a questão da organização da comunidade, de tá correndo atrás dos objetivos juntos, eu vejo muito essa questão da união [...] a questão da preservação do meio ambiente em si [...] eu sei que tem muita coisa além disso, mas eu não tenho propriedade para falar mesmo por conta da minha falta de conhecimento [...], é por isso que eu sinto falta de trabalhar dentro das escolas, por que como eu, nossos alunos, acho que todos tirando esse pessoal mais velho que participa de alguma associação, eles sabem, é tanto que a gente percebe o quanto isso tá se acabando aqui sendo uma comunidade de fundo de pasto, mas o pessoal novo pouquíssimos quer participar [...] e vai acabar se perdendo no meio do caminho, uma hora ou outra, por que o pessoal mais velho [...] quem tem o conhecimento informal, até sobre a própria comunidade mas só que pela idade, vão falecendo, não passou o conhecimento de um pra outro [...] é por isso que eu acho

importante ser trabalhado dentro da escola esse conteúdo pra o aluno ter interesse em participar por exemplo de uma associação, da vida da comunidade, das tomadas de decisões [...] e aí talvez o pouco que o aluno saiba é alguma coisa que ele aprendeu dentro da sua própria casa ou com sua família [...].

Eu acho isso ainda muito pouco pra o que deveria, eles não têm essa identidade, não todos, não generalizando de 160 alunos que nós temos na escola, alguns de educação infantil não tem isso muito consolidado, mas é muito pouco. [...] cada aluno que você senta pra conversar pra ver se eles têm essa visão, de saber que fazem parte de comunidade de fundo de pasto de defender as tradições, quando a gente fala de agricultura familiar, a gente ainda sente [...], há eu não quero isso para mim, a gente ainda sente negar a identidade, eles preferem ter uma identidade que não é deles, que é mais urbana, sem ser na verdade, como se adotassem algo que não é deles.

Participamos a cada dois anos da conferência do meio ambiente que também traz a questão da identidade da comunidade, a gente tem que contextualizar [...] na verdade o foco é o meio ambiente, tem diferentes temáticas, ela traz subtemas água, a questão da saúde, as potencialidades da comunidade [...] dentro dos outros subtemas você pode tá desenvolvendo [...] só que como estava muito batido a gente resolveu fazer esse ano sobre potencialidade, ao mesmo tempo que contempla meio ambiente contempla sobre a cultura da comunidade que é essa saber de tá passando de filho pra filho, esses remédios essas plantas medicinais que são muito próprio de cada pessoa de como é feito, sobre determinado remédio, como que usa o chá [...] é um conhecimento empírico, adquirido passando assim mesmo de um para o outro, não foi adquirido em estudos feitos, científicos e acho que é algo muito forte na comunidade [...].

Sim, nós fizemos a escuta sensível, ouvimos a comunidade, ouvimos os alunos, os profissionais, e o próximo passo vai ser a audiência pública, a gente vai apresentar de fato como vai ficar nosso PPP, pra toda comunidade.

Não. Eu não tenho conhecimento em relação as diretrizes [...] o programa forma campo eu vi que a formadora vai tá falando, apresentando sobre todas as diretrizes pra gente [...], eu nunca participei sobre nenhuma formação sobre o campo em si [...]. O bom é todo o município vai ser contemplado, quando a gente fala educação do campo e no campo, justamente porque ele vai tá contemplando as escolas do campo, localizadas na zona rural, só que as escolas da sede mesmo no município vão ser contempladas porque também são escolas consideradas, escolas que atendem alunos das comunidades [...]. Vai ser uma forma do município estar falando a mesma língua em todas as escolas.

Nós tínhamos um PPP, muito antigo de 2014, mas se comparado aos estudos que a gente fez e ao que de fato é o PPP era só mais pra cumprir tabela, muito supérfluo em relação algumas coisas, mas não é o que de fato se propõe agora, [...] a educação passou por uma revolução tão grande de pandemia, de BNCC que foi implementada em 2019 [...] no município de Andorinha se começou a trabalhar de fato com a BNCC em 2019 [...] muitos professores que já estão na vida a muito tempo ainda sentem muita dificuldade em abrir mão do que faziam antes porque mudou completamente [...].

Educação de tempo integral é uma meta do PME, meta seis, onde pelo menos 25% se não me engano, dos alunos tem que tá estudando integralmente na escola, e aí a gente ainda tem muita carência de espaço [...] educação de tempo integral é o carro chefe desses anos.

PROFESSORA 02

Não conheço. Mais algumas coisas sobre padroeiro, mas a fundação da comunidade mesmo eu não conheço. [...] sobre o padroeiro, novena quando ocorre, por causa inclusive até da escola mesmo.

Eu acho que vai um pouco além do que a gente tá acostumado com educação sabe, expande mais do que pode ser educação, contrapõe a concepção que o ensino contrário ao ensino burocrático [...] acho que é um ensino que vai além da sala de aula, sai um pouco das delimitações que é o ensino burocrático e alcança os alunos de forma mais pessoal, eu diria.

Sim, em muitos momentos a escola busca sempre levar em consideração o aluno e também a comunidade, muitas coisas da escola abrange a vivência do aluno e da comunidade também [...] como professora de artes mesmo, uma das coisas que eu gosto de fazer é fazer os alunos olharem dentro da cultura deles da comunidade o que eles podem ver como arte, a cultura deles, a cultura da comunidade [...].

[...] eu diria que não no todo, acho que poderia trazer bem mais as vivências da comunidade pra dentro da escola, mas eu busco fazer em alguns momentos sim [...].

Eu percebo bastante que a maioria não tem muita perspectiva do fazer depois dali, [...] então eu vejo a escola interferindo nesse pensamento que já vem lá dos pais deles, eu escuto até os pais falando – há nunca estudei e não morri! Então a escola serve pra quebrar com isso com esse pensamento que eles escutam, que já vem desde muito antes, pra que quando eles saírem dali eles possam continuar com os estudos deles sim.

[...] está relacionado ao pastoreio de animais, né. [...] eu vejo muito mais uma preocupação com essa criação de animais do que com o estudo de fato, eu tenho alguns alunos que trabalham como adultos, trabalham muitas horas, chegam da escola e passam o dia

trabalhando, essa obrigação que eles têm acaba atrapalhando a visão de futuro deles enquanto ao estudo.

A identidade deles acaba se ligando bastante nisso, faz parte da personalidade deles, nas referências que eles trazem pra dentro da sala de aula, eles próprios usam da vida deles norte pra as atividades principalmente em artes, eles acabam trazendo muito mais disso, nas pinturas, nos desenhos que eles passam, que acaba demonstrando muito da personalidade deles, essa identidade deles com o campo, é o que acaba fazendo muito.

Em artes acaba sendo muito mais fácil essa contextualização porque são matérias mais livres, eles mostram muito mais da vida deles, da personalidade, eles mostram muito da vida deles nos desenhos nas pinturas [...], artes visuais, músicas, danças, desenhos muito relacionados com a vida no campo. [...] nas outras como educação ambiental, a escola já trouxe alguns projetos relacionados a vida no campo a agricultura, pecuária a escola já desenvolveu com todas as turmas projetos relacionados a isso.

1- Não. Não sei se posso dizer não porque o PPP é discutido junto com os alunos, e os alunos são parte da comunidade, [...] o PPP é feito junto com eles, na comunidade. Ele é desenvolvido com todos juntos discutindo, nos separamos em um determinado momento em um grupo, cada um fica com uma parte, e esse grupo discute sobre o PPP faz um resumo do que entendemos da nossa parte e depois cada um apresenta pra os demais grupos o que foi entendido, geralmente esse grupo é composto por professores e alunos.

Não, não conheço.

PROFESSOR 03 -

A história em si não conheço não. De quando se formou por esse lado não conheço não. Eu sei que tem atuação de um curso do SEBRAE, tem a questão de algumas famílias [...], as obras que a prefeitura vem fazendo lá, a creche, o ginásio [...].

Eu acho que significa a educação a partir do mundo do aluno, de onde ele vive. A educação contextualizada é você pegar o conteúdo que se trabalha e ver como ele se aplica a partir da visão do aluno, não faz sentido nenhum trabalhar um assunto com exemplos de lá do outro lado do mundo, totalmente fora do contexto [...].

[...] eu tento fazer muito isso na minha disciplina, agora no geral eu não sei. [...] ano passado fiz uma aula de campo falando sobre as rochas, aí eu falei no contexto de Morro Branco está inserido [...] aí eu usei imagem de satélite [...] eu tento sempre que possível trazer isso [...]. até hoje não tem muito isso não, eu acho isolado um do outro não tem cooperação.

Sim, sempre que possível eu tento contextualizar ao local, [...] falei sobre a questão do poder de estado, usei os exemplos da prefeitura, território de cada lugar, território Andorinhense ao qual Morro Branco está inserido, nessa direção aí que eu trabalho.

Poderia ser melhor, não sei se os alunos sentem tanto essa relevância da contextualização, até mesmo se eles percebem bem trabalhar essas coisas, eu acho que ela deveria ter um plano de ação para deixar isso mais claro nessa direção, é pouco mais está tendo um avanço. [...] o certo seria ser algo planejado entre todos, uma cooperação maior entre todas as disciplinas, fazer uns projetos;

Eu acho que é o associativismo né, uma comunidade de cooperação, onde o benefício maior seja a comunidade [...].

Eu não vejo muito essa identidade não, às vezes eles se identificam mais com o pessoal de outros lugares, [...] talvez precise de um resgate dessa valorização local, de orgulho, valorização, eu tenho essa visão.

Em relação a cultura local falta a valorização, essa noção de pertencimento ao local, eu vejo muitos falando em ir embora do local, às vezes não conhecem a própria história, eu vejo muito essa questão de ir morar em Pilar, - eu quero sair daqui! eu acho que são questões de identidade mesmo, a história, antes de valorizar as raízes, partindo do que eu escuto de alguns alunos, acho que falta mais essa identificação esse conhecimento, por exemplo voltado a agricultura familiar, essas coisas [...] aí não cria raiz local.

O único projeto que eu observei [...], foi uma palestra que tinha pessoas locais falando sobre plantas medicinais, um senhor da região foi lá falou sobre a importância das plantas medicinais, outro rapaz que tem as hortaliças que vende, ele falou que não precisava ir embora do Morro Branco, tinha trabalho, fonte da terra, podia trazer uma atividade econômica as pessoas sobreviverem, eu achei esse projeto bem interessante, aí depois teve uma amostra de algumas plantas medicinais [...], eu fiz uma aula de campo levei pra serra pra mostrar o Morro Branco, onde eles estavam inseridos, agora eles entenderem que estavam no meio dessa serra, na parte mais plana.

É, inclusive tá sendo feito desde o ano passado o projeto, uma das questões é fazer um [...] com a visão local nem só do professores, mas da merendeira, a visão do porteiro, dos pais dos próprios [...] então tá sendo construído nessa direção aí, em que o PPP é pensado com a visão do aluno do colégio Martiliano José Ferreira de Morro Branco, porque não adianta nada pegar um projeto que é aplicado lá em Salvador, mas que é completamente diferente da realidade de Morro Branco.

Não, desconheço.

MORADOR 01

Pra meu entendimento a escola é uma área que tá funcionando justamente em Morro Branco, isso pra mim são coisas que no meu modo de pensar é de grande interesse, grande empenho, na minha comunidade principalmente na juventude de hoje, porque eu acho que através da escola é aí que as pessoas vão se educando se entrosando e juizando, que aí vai estudando analisando as coisas e aí vai dissimulando o bom eo ruim, porque aí tem os dois caminhos ai esses dois caminhos cada uma pessoa escolhe o que quer, e esse sem estudar pode ficar uma pessoa desorientada, e estudando isso é uma coisa de grande importância para nossa comunidade de Morro Branco e pra qualquer uma outra, porque ele vai se educando e vai ganhando outra orientação, tomando conhecimento das coisas, [...] porque o professor ele não ensina uma coisa errada pra o aluno, ele só vai ensinar uma coisa que tenha passo a frente [...] e vem trazendo pra meu modo de pensar eu não acho que a escola venha trazendo alguma coisa ao desrespeito a desigualdade [...]. A verdade tem até que ser dita, [...] o primeiro professor que ensinou aqui foi esse homem que correu atrás desse trabalho [...], o prédio não tinha, [...] foi começado ao lado da casa de farinha velha, que ainda hoje tá em pé, eu corri atrás do colégio que hoje estão ampliando [...], o primeiro passo foi por aí.

Eu até acho, e tenho um grande respeito na área do fundo de pasto, sabe porque também fui um dos fundador isso no ano de 87 mais ja tinha anos que a gente sobrevivia dentro desta área, mas surgia de outra pessoa, nem morador daqui sendo de outra região, disse que era o dono, tinha o vaqueiro [...] mas a gente já sobrevivia dali, do olho da palha pra garota fazer o chapéu pra vender, o boca piu, o licuri para gente temperar o feijão ou então o arroz uma mistura, veja bem, aí chegou o momento que essa criatura que dizia que era o dono daí adoeceu, chegou num ponto que o médico desenganou, vem a notícia em cima da nossa comunidade aqui Morro Branco [...] seu Raimundo morador de Uauá, vai vender a fazenda por que o homem está desenganado tá sem jeito vai vender realmente porque não tem recurso, aí nós ficamos preocupados, era aberto de uma pra outra, área de fundo de pasto né, a fazenda Morro Branco se chamava Cacimba do Barato chama até hoje, [...] só um vaqueiro morava nessa fazenda, umas reisinhas coisinha pouca [...] a ai a gente ficou preocupado, e agora o homem não quer nem que a gente sobreviva dai [...] mas era aberto a gente tava lá sobrevivendo disso, e agora sem nos ter condições de comprar a fazenda, e agora o que a gente faz ? Corremos realmente até o estado, fizemos a nossa palestra e o estado o apoio que nos deu realmente foi essa, que vinha o advogado do estado procurar se o homem tivesse o que a documentação toda direitinha da fazenda pra o estado comprar e doar como se nos fosse

os sem terra. Bom, o advogado veio na época, o homem não tinha documento o advogado passou pra gente, assim, vocês podem até pensar oque vão fazer por que o estado não vai comprar a fazenda do homem porque o homem não tem a documentação é dono só na língua [...] então o estado só compre se tiver o documento legítimo da terra aí compra e doa pra as pessoas, como vocês estão passando história de vocês [...] aí o advogado disse só tem um detalhe pra vocês, agora se vocês querem se encorajar e cair dentro da briga, [...] pode acontecer como a Fazenda Jaboticaba que teve isso né, morreu até gente na época, agora se vocês se livrem de uma agressão, abre o variante e o estado vem medir, que foi isso que nós fez, aí não caímos dentro da confusão, fomos ameaçados mas graças a Deus, que foi maravilhoso vencemos a nossa batalha, o estado veio mediu e hoje nós estamos aí, é aberto essa fazenda daqui até a cacimba do barato que é onde era os limites da gente, aí vai até o extremo com a fazenda Baraúna, mas é aberto em todo contorno, e a gente se sente muito feliz com isso, com a batalha correndo risco [...] hoje querem dizer que a gente que vive na área de fundo de pasto, vivia só os animais tudo preso, não é todo mundo, e quem tinha aquelas boas condições cercou e o outro tá só nos corredor [...] nós aqui reserva ele, deixar o povo acabar não, nós temos o maior ciúme em cima disso, é uma coisa de grande importância que traz alguma coisa de interesse da gente, né [...] tem os animais que tá aí a forragem a vontade e a gente a vontade também, o vizinho de lá da outra fazenda e a gente de cá, se encontra ali no meio os animais de todo mundo, eu acho isso muito importante.

Eu acho que isso vem trazendo passos a frente, pior seria se nós não tivesse feito esse esforço pra a gente hoje estar onde nós estamos, porque eu conheci aqui Morro Branco nasci e me criei, já passei minha idade conheço isso aqui de fundo a fundo. Essa verdade tem ser dita [...], nós temos várias pessoas em nossa comunidade de Morro Branco, que tem esse conhecimento agradece esse esforço que a gente fez, na verdade não foi toda a comunidade foi só um ou outro, nessa peleja, nessa batalha nessa luta foi um grupo, os outros se acovardaram [...], quando chegou o momento de meter as ferramentas pra fazer as picadas pra o estado vim medir [...] não era qualquer um que tinha essa coragem não. Há eu não vou lá não! - Isso tinha era tempo que eu sabia que era de fulano de tal, era do caba Raimundo! Eu não vou lá que isso aí é dele! - Eu não vou lá que eu não tenho isopor nas costas! - Eu não vou lá porque eu já tenho minha rocinha pra plantar meus feijão, meu maxixe! Gente a nossa luta não é só pra plantar o maxixe e o pé do feijão não, nós já tem cada um já tem seus quintalzinho, de plantar nossas besteira, pra nos manter quando Deus dá a chuva, sabe o que é isso, pra nós ter um direito, é para nós ter uma liberdade, se nós estamos quase um agregado aqui que Morro Branco com essa fazenda que a gente vai lutar por isso, por esta área aí, ela tá

aberta de uma pra outra, mas lá tem, a gente diz que é um dono, num quer que a gente se mantenha muito tempo com os material que existe ali, um caibo pra uma casa [...] um pedaço de pau que se chamava linha tudo era tirado na área, mas ele não queria mas a gente entrava [...] agora os que fugiram que ficaram lá fora, depois pra poder entrar foi preciso buscar [...] a gente vai com a maior facilidade porque depois que passou tudo [...]. Tem duas associações aqui, primeiro foi a de fundo de pasto, fundada em 77, [...] depois a de morador, mas tanto faz a de morador como também de fundo de pasto tem as pessoas que agradecem isso tem aquele conhecimento [...].

Tenho um neto em casa que estudou lá, só não passou na faculdade [...] só completou os estudos porque foi no ferrão com a gente, mas não queria, mas terminou. [...] tem pessoas que trabalham na própria escola que nem filho daqui não é [...], a gente quer que nossa terra tenha passos a frente em qualquer coisa, na educação, na parte da agricultura, em tudo.

A minha vontade , minha alegria em deixar eu satisfeito [...], nossa escolinha graças a Deus hoje tem um nível maior, se o aluno sede sair daqui pra Andorinha ou Medrado como saia antes, num caminhão véi, pau-de-arara, toda maneira, hoje tá bem diferente [...], que aqui tá vindo de outras fazendas para estudar aqui, isto é de grande importância

[...] chegava o momento do encerramento eu era convidado, no intervalo do meio do ano [...] a gente foi convidado algumas vezes, aí os professores convocaram reunião, ia lá pra ouvir as propostas que achava que era de bem [...] as propostas não eram coisas desagradáveis não, coisas que agente devia aceitar , tinha que da o apoio porque realmente achava uma coisa de empenho [...]. as pessoas que é daqui e de fora sempre vem pras reuniões.

[...] eu acho que se isto acontecer, que eu ainda não assisti nesse sentido não, mas se isto acontecer eu acho importante, por que o estudante está se orientando ta tomando conhecimento de uma coisa ta se educando [...].

[...] de um lado eu to vendo, na minha opnião eu sei, aquele jovem que sai pra ir procurar da sobrevivência porque o pai não tem condições a mãe não tem condições , até aí eu num tô concordando porque num tá certo, porque hoje tá vindo muitas coisas a conforto ao estudante que ele possa se acomodar mais um pouco e ter o tempo dele pra terminar os estudos, pra quando ele sair, sair preparado [...]. na minha opinião era importante as pessoas não largar os estudos para trabalhar, tem deles que é de acordo as necessidades [...] nem que não vá pra faculdade mas que termine seus estudos ali [...] hoje até pra fazer uma faxina se você não tiver o estudo, como você consegue o serviço? [...]. o professor ele tá lá, ele é o segundo porque o primeiro professor na verdade de qualquer um aluno é os pais [...]. [...] isso é importante, que dizer trabalhar, sim, só que dentro da comunidade também tem que

ter pessoas empenhadas tem que ter pessoas ajuizadas tem que ter pessoas que entende e ficar passando orientação pra os outros [...] a maioria não não, xô ir pra indústria, vai abandonando, só ficando as pessoas idosas [...]. O estudo não acaba, não é mesmo! O amanhã vem, ele pode passar a ser um chefe de família, pode ele tá no Rio de Janeiro ta em São Paulo, mas pode ter necessidade de tá aqui dentro da comunidade, cadê ele que não sabe [...], não teve um estudo com papai, mamãe, vovó pra ter um conhecimento em cima daquilo dali [...] nós num sobrevive né da terra?

[...] primeiro do que tudo, é o que não quer nada chegar a conclusão de vim pegar na peleja que os mesmos pensa no bem comum pra poder ter alguma coisa, tanto faz na área de educação, como também em tudo quanto mais tem gente engajado dentro da coisa [...] a união que faz a força, será que uma andorinha só faz o verão? [...] quanto mais junto, opa, tem mais roupa nova para vestir [...]. Eu sinto que tá faltando isso na própria comunidade mesmo, é da gente mesmo fazer isso.

Eu to sem conhecimento disso. [...] tem vindo nem só os estudantes daqui de Morro Branco como os de fora, vem até aqui [...]. Eu não tenho esse conhecimento que os alunos daqui já fizeram uma reunião, uma entrevista com aquelas pessoas mais [...], às vezes procura mas [...], uma pergunta [...] para falar como começou o Morro Branco como originou esse nome [...].

Tem uma parte dos jovens que já estão tendo um conhecimento, [...] isto é uns [...] eu até incentivo, a gente tá indo [...] vocês vão pegando conhecimento das coisas, vão se orientando mais, se entrosando mais com a gente, aquilo que vocês não tem o conhecimento procurem saber, [...]. eu não vejo a juventude se aproximando pra ver como é [...] gente vão vendo, como é que sepulta o enfermo, como é que leva ele até o cemitério, qual é a medida da cova sem ver sem saber o caixão [...], isso tudo vocês tem que se orientar porque os mais velhos vão morrer [...], como foi que eu aprendi isso? foi me aproximando dos mais velhos, nem perguntando só olhando e quando eu tava em dúvida eu perguntava [...] chegar no sepultamento se é o anjo, ele até sete anos é anjo, qual o sentido de sepultar ele ? [...] o adulto que chama-se pecador na viagem que ele vai para o cemitério ele é sepultado com os pé voltado para porta do cemitério, o anjo é a cabeça [...].

MORADOR 02 -

Vendo como antigamente as escolas eram bem distantes, hoje tá sendo muito importante porque os jovens as crianças não precisam sair pra fora, pra ta estudando e tá sendo

importante porque estão dentro de casa, já vão diretamente pra escola, pode tá fazendo outros afazeres depois da escola, que é perto de casa.

É uma comunidade que vive pessoas que tem um bem maior que é o fundo de pasto aonde eles vivem numa forma coletiva de criar seus animais né, principalmente solto que é a criação de bode que tem mais de outros animais, nessa forma coletiva de todos vivem é de grande importância para todos na comunidade que ali tem um bem assegurado que é a sua caatinga que vai passando de geração em geração, continuar sendo um bem preservado que pode passar pra seus netos, filhos, dali ainda possam tá vendo uma mata ainda preservada que talvez possa tá até dando continuidade ao que seus pais fizeram. É poucos que tão bem inseridos, é poucos que vão entender o que é o fundo de pasto e na escola principalmente eu acho que não retrata muito bem isso, o que é o fundo de pasto, e aonde que eles estão vivendo, o que eles estudam não tem quase nada voltado.

Que fosse voltado pra realidade dos jovens das crianças que estão indo estudar nela, que pelo menos soubessem o que é uma comunidade de fundo de pasto, para daí eles estarem preservando o lugar onde eles estão morando né, quem vem de fora também pra estudar saber o lugar onde eles estão, a importância a luta que eles tiveram pra ter aquele lugar, seria de grande importância se eles tivessem isso, mais voltado a comunidade, como que ela foi formada, o que se passa. Pergunta: foi do ensinamento que eu tive onde eu estudava e da comunidade também que principalmente do fundo de pasto que chamaram alguns jovens pra estar participando conhecendo o que é a comunidade de fundo de pasto pra não estar deixando aquilo se acabar, e na escola acho que tá faltando uma parte da comunidade tá se envolvendo na escola um pouco pra tá falando isso sobre o fundo de pasto principalmente uma coisa que não acontece muito, fica mais naquele grupinho que já sabe, e continua a discussão de sempre e acaba não passando para os mais jovens, se começasse desde novo quando chegasse mais na frente já tinha um conhecimento melhor sobre o fundo de pasto da comunidade em si.

nunca teve essa conversa não, a que teve mais voltado ao meio ambiente mas envolvendo a comunidade de como que é a forma de viver em fundo de pasto e tudo isso é bem deixado de lado na escola. Pelo que eu vi até agora não teve isso.

Nunca vi não. Os projetos que teve de alguma coisa não tô lembrado não se teve.

Sim, acho importante porque a partir disso o jovem já vê onde é que ele tá morando como que é a forma dele viver, que ele pode tá contribuindo, acho que se tivesse isso hoje as comunidades estavam bem desenvolvidas né, por que se tivesse a participação do jovem desde cedo, pra saber a importância do lugar que ele mora como que foi a formação.

A falta de oportunidade né que tem, quando não tem na comunidade eles tendem a procurar fora, aí nisso acaba que eles deixam a escola, deixam o lugar que eles moram pra tentar procurar “uma vida melhor” saem achando que vai ter uma vida melhor mas se tivesse outras oportunidades dentro da comunidade ajudaria bastante.

Não estão fazendo nada, acaba que tã ficando só naquele grupinho ali só daquelas pessoas, pai e filho que já tá ali engajado e acaba que fica só nisso, e as outras pessoas de fora acabam não conhecendo, não tá tendo nenhuma contribuição das pessoas que fazem parte principalmente do fundo de pasto, eles não estão procurando e também não estão sendo procurados pra tá falando sobre isso, a importância como que é a comunidade e tudo. pegaria as lideranças pegando as pessoas mais velhas da comunidade aquelas que foram fundadoras que fizeram parte, tá conversando com a escola e mostrando a importância de como que é a comunidade, como que ela foi formada, repassando pra as pessoas que estudam ali na escola pra elas estarem conhecendo, já ficaria as duas partes, tanto escola como as lideranças da comunidade.

Tem alguns, teve uns projetos voltados para religião, e teve voltado para os lugares turísticos, bonitos que tem na comunidade, projetos de meio ambiente isso aí tudo envolve a comunidade principalmente as pessoas mais velhas.

É uma escola que seja voltada às duas realidades né, a que o jovem tem ali na sua comunidade, onde ele vive, e a que ele possa ter a de fora também, pra ele conhecer nem só da comunidade, mas do mundo lá fora, [...]. Uma educação voltada a sua realidade já seria melhor, ele já viria com seu pai com sua mãe como tá melhorando a prática que eles têm no dia a dia e tendo uma educação contextualizada pra que assim ele possa tá ajudando a comunidade com o tempo, que ele saia mas que ele possa voltar com mais conhecimento.

EGRESSO 01-

É importante por ser distante do município e aí não ter as dificuldades né de poder se deslocar da zona rural para poder ir para o município.

Durante uma época teve [...] CSA dentro dessa disciplina o professor ensinava colocar em prática, fazer leira essas coisas, a questão do adubo como que fazia, as plantações, como que plantava como que era o desenvolvimento de cada planta, acho que essa foi a única que ajudou ensinou que ajudou a gente colocar em prática.

[...] no ensino médio foi bem diferente, isso foi mais no fundamental mesmo.

Eu pretendo e quero fazer pedagogia. Eu pretendo permanecer por aqui [...] tipo eu pretendo fazer pedagogia só que eu não pretendo sair pra trabalhar fora, eu pretendo me formar mas

que eu possa arrumar um emprego por aqui mesmo na região, como professora ou qualquer outra área escolar, mas que seja por aqui mesmo.

Têm. Tem uma relação [...] ela mesma dá oportunidade para aqueles que já se formaram poder ter um emprego lá mesmo.

Eu acho que mais sobre [...] a questão de informática, não que fosse uma coisa aprofundada, mas que fosse o básico, de aprender um pouco sobre o computador, que lá não tem né. Poderia ter tido o espaço de poder colocar em prática, os alunos poder aprender mais, em relação a informática, é uma coisa que eu tinha muita dificuldade e tinha muita curiosidade de aprender mexer em computador, acho que ajudaria e é uma coisa que hoje em dia é bem utilizável, em qualquer emprego área que você pretende cursar ou algo do tipo.

Na cidade é bem diferente né, oferece mais [...] não é bem uma preferência mas em questão de que na cidade tem mais oportunidades, tipo têm mais outros ensinamentos do que nas escolas da zona rural por exemplo, sobre aula de informática que muitas escolas oferecem da cidade, aqui na zona rural não tem [...].

Já ouvi falar algumas coisas aqui no Monte Alegre, na escola não, que eu me lembre não. Uma coisa que eu acho bastante interessante e já presenciei lá no Pimentel é a questão dos mutirões, que sempre tem um dia específico e aí tem os homens, cada dia eles se juntam, um dia um vai pra roça de um, na outra semana no outro dia já vai pra roça de outro, acho que foi a única coisa que presenciei e achei bastante interessante essa questão. Até hoje ainda tem, não é mais como antes, porque tipo tem gente que vai saindo, num querem mais participar, são poucas pessoas que ainda participam mas ainda têm.

ESTUDANTE 01 -

É todo mundo dando opinião sobre o que precisa dentro da comunidade.

Eu acho bom porque vai trazer oportunidade para as pessoas irem estudar já que é meio difícil as pessoas saírem para estudar na cidade.

Contribui no meu ensinamento, aprendendo muito, têm muitas matérias diferentes [...] a biologia, agroecologia [...]. É uma matéria nova que tem [...], o que é agropecuária [...] vai ajudar enquanto moradora de comunidade [...].

Gastronomia ou confeitaria.

Não muito. Porque os professores chegam tarde e ficam enrolando ainda pra dar aula e tem muito pouca aula [...]. Serem mais pontuais, trazer mais [...] porque tipo tem professores que não são formados nessa área mesmo aí trazem muito pouco assunto por conta disso.

Acho que não. Porque aqui não tem muito trabalho, não tem como trabalhar com quase nada, então não tem muita renda pra eu me sustentar.

Trazer aulas de literatura, leitura porque tem pessoas que não conseguem ler direito, ou ainda nem sabem, porque tem pessoas adultas lá também [...].

Do campo, porque é mais perto, é bem complicado sair daqui pra ir pra cidade, mas é só por isso. Mas acho que lá na cidade tem mais oportunidade, tem mais outras área de estudo e aqui tem bem poucas, porque aqui é do municipal, agora eu estou no do estadual, e aí não tem muita coisa que o estadual pode trazer pra cá [...] aí a professora tava querendo plantar umas coisa, só que aqui é bem difícil, com medo das crianças destruir né [...], na área da biologia lá tem os equipamentos que são mais bom que aqui, o professor trouxe um dia, mas só um dia [...].

Sim. Por que eu moro aqui, participo de outras coisas que acontecem aqui, a igreja, grupo de jovem [...].

EGRESSO 02-

Aqui tem no Morro Branco, mas é uma coisa que eu nunca me aprofundei pra saber o que é realmente, meu avô é associado ao fundo de pasto mas num tenho o que dizer muito não, pra que serve [...]. Na minha visão uma comunidade que tem fundo de pasto, que tem as roças pra usar pra seu consumo, que você pode colocar o que você quiser dentro de sua roça, e que ajuda bastante uma pessoa ter a roça, ne.

Como a gente mora aqui, a gente sempre se identifica mais, como a gente mora no campo, entende algumas coisas e seria bom se tivesse uma aqui no Morro Branco igual tem lá no Medrado, que cuida de animais, plantas, muito bom [...] pra gente que mora na zona rural. [...] eu não acho que essa tá tão relacionada ao campo, no meu haver teria que ter mais coisas haver, apesar dela tá aqui no campo.

No ensino médio eu acho que não contribuiu em nada relacionado ao campo, agora no ensino fundamental nois teve bastante porque a gente teve plantação, essas coisas, teve um pouco da gente sair, pegar esterco, plantar [...] mas agora no ensino médio não teve ajuda não a gente não teve esse contato até por conta da pandemia também. [...] ajudou bastante a gente entender que é obrigatório a gente ter em casa pelo menos uma plantação saudável porque tudo que a gente compra agora é de veneno, e a escola nos ensinou mesmo a gente plantar nossa comida [...].

Estudar engenharia mecânica [...].

Sim, com certeza. Porque pelo deslocamento, seria ruim a gente sair daqui da zona rural pra ir pra Andorinha por exemplo né. Acho que isso é muito bom, contribui bastante, e é uma coisa que é aqui na comunidade né. Em a gente ter um lugar, o Morro Branco ter uma escola já ter professores que venham [...].

Sim, só é ruim por conta do emprego né, mas dá pra gente morar sossegado [...]. A gente teve CSA [...] a gente estudava isso no campo, a gente plantava, tinha horta.

Poderia contribuir pra ter mais cursos né, a gente tem até o ensino médio, dá graças a Deus né, poderia ter já, poder cursar aqui mesmo no Morro Branco, seria bem melhor que se deslocar pra algum lugar. Poderia ter também coisas do campo, a gente poder sair, estudar agropecuária, que é muito bom pra quem estuda no campo, aprender sempre mais [...]. Ao campo a gente poderia ter feito alguma coisa, a gente nunca teve, como teve no ensino fundamental no ensino médio poderia ter contribuído continuado apesar de ser a noite [...].

O campo, com certeza o campo, apesar de que eu acho que a educação não muda, tanto no campo como na sede [...], porque é muito mais fácil o deslocamento, seria muito difícil estudar na sede. O acesso a tecnologia principalmente, lá na sede os alunos têm possibilidade de internet a gente não tem aqui a escola não disponibiliza para os alunos pesquisar alguma coisa, notebook que poderia disponibilizar não disponibiliza [...].

[...] É um pessoa, eu sou muito eu, por exemplo, eu não sou de ficar todos os dias com você eu sou muito fria, eu não tenho o coração besta [...]. Quem é o morro branco? Não sei dizer sinceramente.

Álbum: tinha o artesanato contando a história da palha, tinha sobre o serrotão que é um lugar histórico do morro branco e sobre a cultura do morro branco. O artesanato as mulheres do artesanato aqui sobrevivem do artesanato, vão lá na serra pegam a palha fazem todo processo, aí elas vendem a esteira, o chapéu, vende os abraço da trança e aí as mulheres se identificam desse negócio, a maioria né porque eu não sei fazer, mas as mulheres daqui sobrevivem da palha. E o serrotão que é muito conhecido [...] É onde tem essa religião porque aqui todo mundo é católico, acho que não tem nenhum evangélico [...], conta a história do morro branco, foi um trabalho da escola, não teve uma disciplina em si, foi tipo um projeto de vida. O projeto de vida você conta sua história de vida aí era três séries cada série a gente colocava uma parte, aí a última foi sobre o projeto de vida do lugar onde a gente morava, e a gente colocou esse ponto, morro branco e as riquezas. Do primeiro ao terceiro ano em grupo [...] Nas outras séries fizeram um álbum contando a tradição do vaqueiro [...] Aqui dentro eu acho muito fraca, porque aqui não tem muito relacionado ao vaqueiro, aqui no morro branco é muito difícil [...] Eram do roçado, praça, que estudam aqui no morro branco. O livro ajudou

bastante a gente reconhecer nosso morro branco porque realmente [...], em relação a gente a gente procura o que nosso lugar propõe pra gente realmente, aí a gente teve ajuda das professoras [...], a gente falou sobre a palha o serrotão a religião católica, e aí foi muito bom, a gente ganhou em primeiro lugar em andorinha ai foi pra bonfim e conseguimos ficar em segundo [...]. Foi somente esse [...] Foi o único que saiu, todos os projetos de vida a gente fazia uma atividade no caderno normal, falando sobre nossa vida do que queria fazer, aí no terceiro ano a gente teve esse projeto.